

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE CAMPO E CIDADE EM ALUNOS DA ESCOLA AGRÍCOLA DE RIO CLARO-SP

*Silas Nogueira de Melo**

*Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira***

Resumo: Neste artigo pretendeu-se analisar o conjunto de representações sociais de campo e cidade entre os alunos da Escola Municipal Agrícola de Rio Claro-SP “Engenheiro Rubens Foot Guimarães” que, em sua maioria, moram na zona rural. Por meio dessas representações pode-se identificar elementos que dão sentido, atualmente, ao campo e à cidade.

Palavras-Chave: Representação social. Campo. Cidade.

Social representation of the country and the city

Abstract: This article intended to analyze the set of social representations of country and city among students of the Escola Municipal Agrícola de Rio Claro-SP “Engenheiro Rubens Foot Guimarães” that mostly live in rural areas. Through these representations one can identify elements that currently give meaning to the country and the city.

Keywords: Social representation. Country. City.

INTRODUÇÃO

No limiar do século XXI, como esperado, vê-se um mundo cada vez mais globalizado, fluído e rápido, cuja dinâmica é ditada pela influência dos grandes centros econômicos, ou então, dito de outra forma, das grandes cidades. Essa influência citadina, longe de ser apenas econômica, mas, sobretudo, cultural, afeta o campo e os que ali residem. Como muitos autores têm indagado e os referendando, a pergunta que emerge é: em que medida a urbanidade está presente no campo?

Para responder à questão é necessário fazer um recorte na análise, tanto espacial quanto temporal, pois a captura da cultura urbana, em seus diversos aspectos de influência, no campo, é algo complexo. Nesse sentido, o presente texto objetivou apresentar uma discussão relativa ao conjunto de representações sociais de campo e cidade em alunos da Escola Municipal Agrícola de Rio Claro-SP “Engenheiro Rubens Foot Guimarães” que, em

* Mestrando em Geografia pela UNESP – Rio Claro, SP.

silas@rc.unesp.br – Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES.

** Professora Doutora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia IGCE/UNESP – Campus de Rio Claro – SP. Líder do Núcleo de Estudos Agrários (NEA) da UNESP – Rio Claro, SP. darlene@rc.unesp.br

sua maioria, moram na zona rural. Por meio dessas representações podem ser identificados elementos que dão sentido ao campo e à cidade.

O texto está dividido em três partes. Primeiro discutiu-se os conceitos de representação social, imagem, campo e cidade definindo os parâmetros nos quais são inseridas as evidências empíricas. Na segunda etapa são descritos os resultados obtidos com base na tabulação dos dados coletados e efetuadas as análises das representações. Ao final, são apresentadas algumas considerações finais.

OS CONCEITOS EM DEBATE

Tendo em vista a discussão aqui proposta, a preocupação inicial deve ser voltar à conceituação de campo e cidade, mais propriamente que instrumento deve ser utilizado para avaliar o que os indivíduos estudados entendem por esses espaços. No arcabouço de escolhas, optamos pelo conceito de representação social. Deve-se ressaltar que não se está falando da sociedade de forma genérica, mas avaliadas as representações sociais de campo e cidade em um grupo específico de crianças, estudantes de uma escola agrícola e residentes no campo.

Compreende-se a representação social da mesma forma que Salles (1998, p. 30), ou seja, como o sentido pessoal que o indivíduo elabora sobre sua realidade, mas que, “embora seja incorporada como visão pessoal da realidade, constrói-se a partir da cultura e de suas determinações econômicas, históricas e sociais”. A realidade é subjetivada pelo indivíduo nessa relação entre o social - dado pelas significações - e o individual - dado pela elaboração e transformação pelos indivíduos dessas significações, de acordo com as experiências pessoais.

Durkheim foi um dos primeiros estudiosos a se preocupar com a problemática da representação. Entendia a consciência coletiva como um sistema de representações coletivas geradas pela sociedade e, até certo ponto, independentes dos indivíduos, já que “são exteriores em relação às consciências individuais” (DURKHEIM, 1970, p. 38). Para ele, os fenômenos sociais, como as crenças, as práticas religiosas, as regras de moral, o direito, ou seja, as manifestações da vida coletiva, se impõem aos indivíduos. Essas representações coletivas não se reduziram com as representações individuais que os homens têm sobre um objeto social ou sobre a realidade coletiva (SALLES, 1998).

Se em um primeiro momento a representação coletiva foi entendida como exterior à consciência individual porque não derivaria do indivíduo isolado, mas de sua cooperação, nos anos 60, Moscovici conceituou a representação social como processo de assimilação e construção da realidade pelos indivíduos. Essas representações estão vinculadas a um sistema de valo-

res, noções e práticas que dão ao indivíduo formas de se orientar no meio social e material e o dominar, oferecendo-lhe referencial comum, instituindo uma realidade consensual. Qualifica-se como representação social por ser produzida coletivamente e ser compartilhada, o que dá sentido ao comportamento. O autor procura captar a relação entre indivíduo e sociedade e não mais entender a representação social como algo externo, que seria imposto ao indivíduo, como propusera Durkheim (MOSCOVICI, 1978).

Uma vez definido o conceito de representação social, o problema que emerge, devido à dificuldade, é a captura dessa representação nos indivíduos. Nesse sentido, Salles (1998, p. 41) diz que estudar

[...] a representação social é captar os seus determinantes sociais. Como processo de mediação da relação do homem com o mundo, ela deve ser analisada levando-se em conta não só o processo de produção de idéias na sociedade, mas também a forma pela qual essas idéias são apropriadas pelo indivíduo, no seu psiquismo. Ela é determinada pelo discurso ideológico que se refere à práxis, bem como pelo cotidiano da vida, no pensamento do homem no seu dia-a-dia, em que impera o discurso prático e no qual as coisas têm sua significação na utilidade.

Realizando pesquisa bibliográfica que objetivou a busca de trabalhos que tratassem do cotidiano, do discurso prático e da apropriação das idéias pelo indivíduo, observa-se que essas abordagens são mais raras em temas como campo e cidade. A exceção fica para os livros de literatura.

Há uma obra de Raymond Williams (1990), que examina os reflexos do modo de vida no campo e na cidade com base na literatura inglesa desde século XVI até o século XX, contrastando-os com as mudanças que efetivamente ocorreram na sociedade. Portanto, é um trabalho que leva em conta a apropriação das idéias de campo e cidade construídas pelos diferentes autores individualmente e comparando-as com as mudanças sociais presentes ao longo do período estudado. O quadro abaixo sintetiza suas considerações:

Campo	Forma natural de vida; paz; inocência; virtudes simples; lugar de atraso, limitação e ignorância; passado; tradição, costumes humanos e naturais; agroindústrias; camponês; comuna rural.
Cidade	Centro; realizações; saber; comunicações; luz; lugar de mundanidade, barulho e ambição; futuro; progresso; modernização; desenvolvimento; centro administrativo e comercial; base militar.

Fonte: Willians, 1990.

Organização: Silas Nogueira de Melo.

Parte das definições de campo e cidade explícitas no quadro está sob a ótica do senso comum, ou seja, conhecimentos que se adquirem em virtude

da experiência cotidiana que permite orientação num ambiente determinado. O modo como o indivíduo se apropria de sua realidade constitui a representação social, e o pensamento cotidiano é a base dela.

Partindo para uma definição da ciência (que produz idéias da sociedade), para Lefebvre (1991), a cidade pode ser lida como uma morfologia material, uma realidade presente, imediata, um dado prático-sensível, arquitetônico. O urbano corresponde à morfologia social, uma realidade composta de relações a serem concebidas, construídas ou reconstruídas pelo pensamento. Nessa linha, Sobarzo (2006) arrisca uma analogia com o campo e o rural. O campo poderia ser entendido como a base prático-sensível e o rural, a realidade social.

Na tentativa de captar a representação de campo e cidade, a análise do discurso torna-se uma importante ferramenta para o pesquisador, pois trabalha com mensagens. Análise de conteúdo, segundo Bardin (2009, p. 48), “é a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo) para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma realidade que não a da mensagem”.

A imagem pode ser considerada uma mensagem, à medida que representa algo visualmente. Segundo Joly (2003), a imagem é um signo icônico, pois faz analogia qualitativa entre o significante e o referente. Por exemplo: um desenho – **significante** – que apresenta um grupo alegre de pessoas no campo – **referente** – pode significar, de acordo com o contexto, “uma família no campo” – **significado**.

Levando em conta o arcabouço conceitual aqui apresentado, foi realizada uma atividade com os alunos da escola agrícola anteriormente citada, cujo objetivo foi verificar a representação social de campo e cidade dos discentes expressa em desenhos. A análise de conteúdo frequencial, uma das técnicas de análise de conteúdo, permitiu identificar as principais representações.

OS CONCEITOS EM PRÁTICA

Serão apresentados nesta seção os procedimentos, os resultados e a análise da atividade realizada para buscar as representações sociais de campo e cidade em alunos de uma escola agrícola do interior paulista.

EM BUSCA DAS REPRESENTAÇÕES

A Escola Municipal Agrícola de Rio Claro-SP “Engenheiro Rubens Foot Guimarães”, foi fundada em 1987 e se localiza na zona rural próximo ao Distrito de Ajapi. Atualmente abriga cerca de cinquenta professores e funcionários e 300 alunos matriculados, que passam nove horas por dia na escola, de segunda à sexta-feira. A escola apresenta diferenças significativas

quando comparada às outras escolas agrícolas. Primeiramente, destaca-se o fato de ser uma instituição de ensino municipal, contrastando com as demais que normalmente são federais ou estaduais. Outra diferença está relacionada ao fato de ser uma escola de ensino fundamental, com alunos numa faixa etária que varia de seis a quinze anos. As escolas federais e estaduais são, em sua grande maioria, centros que fornecem uma formação técnica para discentes do ensino médio.

Para a realização da atividade proposta, foram selecionadas duas turmas como amostra, uma do quarto ano e outra do oitavo ano, média de idade de nove e treze anos, respectivamente. Nos dias 27 e 28 de setembro de 2010 foram coletados os dados, em aulas duplas (duração de 1h. 40min.). Abaixo a descrição de todo procedimento da atividade realizada, de igual modo, nas duas classes:

- 1.apresentação de dois vídeos, de cinco minutos cada, com o personagem Chico Bento, abordando a questão das contraposições entre a cidade e o campo.¹ O intuito era despertar e situar o aluno para o assunto;
2. após a exibição dos vídeos, por quinze ou vinte minutos, foi realizado um debate com os alunos sobre as diferenças entre o campo e a cidade observadas. Três questões foram propostas para as duas classes: “Por que existem grandes diferenças entre Chico Bento e o seu primo?”; “Posso afirmar que o campo é melhor ou pior que a cidade?”; “Quais são as vantagens e desvantagens do campo e da cidade?”. O objetivo foi chamar ainda mais a atenção do aluno para o tema;
3. na fase seguinte, foram entregues duas folhas para cada aluno, nas quais deveriam representar, através do desenho, o campo em uma folha e a cidade em outra. Foram produzidos quarenta e dois desenhos no quarto ano e vinte e oito desenhos no oitavo ano.² Essa fase durou cinquenta minutos;
4. antes da entrega dos desenhos possibilitou-se, a quem quisesse, a apresentação do mesmo com as explicações necessárias;
- 5.com os desenhos em mãos, os dados foram analisados e tabulados conforme os quadros 1

¹ O primeiro vídeo conta a história do primo do Chico Bento que mora na cidade grande e veio passar as férias no campo. <http://www.youtube.com/watch?v=X588TuX1Wv0&feature=related> O segundo mostra a visita de Chico Bento, junto com seu primo da cidade, ao Shopping Center <http://www.youtube.com/watch?v=ntXCiB0Ehfk>

² No dia 28 de setembro, devido a uma forte chuva, parte dos alunos residentes do campo, não puderam ir à aula. O que justifica o número reduzido de desenhos do oitavo ano.

Quadro 1 – Elementos frequentes nas representações sobre o campo

Nº de desenhos	3ª Série	7ª Série
Natureza	47	26
Árvore	18	11
Flor	5	1
Fruta	5	2
Rio	1	1
Lago	1	2
Sol	9	6
Nuvem	8	3

Nº de desenhos	3ª Série	7ª Série
Homem	12	3

Nº de desenhos	3ª Série	7ª Série
Animais	23	15
Cavalo	4	1
Vaca	7	2
Porco	0	1
Galinha	7	2
Pássaro	2	3
Pato	0	2
Peixe	0	2
Outros	3	2

Nº de desenhos	3ª Série	7ª Série
Objetos	10	6
Enxada	2	0
Chapéu	4	1
Carroça	3	0
Barco	0	1
Carro/ônibus	0	2
Antena	1	0
Placa	0	2

Nº de desenhos	3ª Série	7ª Série
Construções	28	16
Casa	9	6
Chiqueiro	1	1
Paio	1	1
Galinheiro	7	1
Cerca	4	2
Curral	5	0
Campo de futebol	1	0
Pista	0	1
Estrada	0	4

Nº de desenhos	3ª Série	7ª Série
Atividade	5	9
Plantação	1	4
Horta	3	2
Terra para cultivo	1	1
Pesca	0	1
Comércio	0	1

Fonte: Trabalho de campo, setembro de 2010.

Organização: Silas Nogueira de Melo

Antes de tudo, é interessante ressaltar que a razão de se realizar o trabalho com duas séries diferentes permitirá uma análise comparativa. A escolha do quarto e oitavo anos (antiga terceira e sétima série) foi para que a análise não se polarizasse nem no começo nem no final do ensino fundamental, já que se poderia encontrar uma heterogeneidade grande nas séries iniciais e a dificuldade de trabalhar nos anos seguintes com alunos que já concluíram o ensino fundamental. Espera-se com a análise comparativa verificar se há uma grande discrepância nas representações sociais, de campo e cidade, no Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II e em que medida a frequência a uma escola agrícola interfere ou não na representação social de campo e cidade construída ao longo do curso.

Quadro 2 – Elementos frequentes nas representações sobre a Cidade.

Nº de desenhos	3ª Série	7ª Série
Homem	9	4

Nº de desenhos	3ª Série	7ª Série
Objetos	24	26
Carro/caminhão/ônibus	12	4
Avião	0	2
Helicóptero	0	2
Placa	1	3
Semáforo	1	0
Fonte d'água	5	0
Poste de luz	2	3
Antena	3	10
Telefone	0	1
Arma	0	1

Nº de desenhos	3ª Série	7ª Série
Atividade	5	5
Comércio	3	3
Indústria	1	1
Polícia	1	1

Nº de desenhos	3ª Série	7ª Série
Natureza	10	10
Árvore	4	2
Flor	1	1
Sol	2	3
Lua	0	1
Nuvem	3	3

Nº de desenhos	3ª Série	7ª Série
Construções	36	19
Casa	11	1
Prédio	12	10
Condomínio	1	0
Fábrica	1	1
Loja	1	0
Shopping	2	3
Escola	1	0
Rua	7	4

Fonte: Trabalho de campo, setembro de 2010.
 Organização: Silas Nogueira de Melo

Nos dois quadros foi feita uma categorização para facilitar a análise. Categorização é uma operação de classificação de “elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero, com critérios previamente definidos” (BARDIN, 2009, p. 145). O critério de categorização foi semântico³ e as categorias definidas nos dois quadros foram: homem, natureza, atividades, objetos e construções (apenas no campo foi acrescentada a categoria “animais”)

Os elementos que mais ganharam destaque nos desenhos foram: a árvore para o quadro sobre o campo, e o prédio para o quadro sobre a cidade. Em um total de trinta e cinco desenhos para o campo a árvore aparece vinte e nove vezes, enquanto para o mesmo número de desenhos para a cidade o prédio aparece vinte e duas vezes. Constata-se uma convergência com a análise de Williams (1990), já que o campo é a forma natural da vida e a cidade, o progresso, e nos elementos de sua pesquisa quase tudo na categoria de cidade tem uma estreita relação com edificações e no campo a natureza vem travestida pela árvore.

O elemento antena, na categoria “objeto” da cidade, ganha destaque nos discentes mais velhos. Enquanto no quarto ano, mesmo com mais desenhos, aparece apenas três vezes a antena, no oitavo ano ela tem dez aparições. Pode-se considerar a antena como um signo do meio técnico-científico-informacional, em função de sua utilidade para as telecomunicações e informações, e quanto mais velho for o aluno melhor será sua compreensão dos efeitos da globalização.

³ Os critérios de categorização podem ser semânticos (categorias temáticas); sintáticos (os verbos, os adjetivos); léxicos (classificação das palavras segundo seu sentido, com emparelhamento dos sinônimos e dos sentidos próximos); e expressivo (por exemplo, categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem) (BARDIN, 2009).

Depara-se, nesse momento, com um problema de análise: até que ponto as representações de campo e cidade estariam realmente representando o que os alunos entendem pelo assunto ou então reproduzindo o que foi passado no vídeo ou discutido em sala antes de desenhar? A questão é muito complexa para ser respondida pelos dados obtidos. Porém é possível identificar que os alunos do quarto ano colocaram muito mais elementos presentes nos filmes do que os alunos do oitavo ano. Um exemplo disso é o maior número de animais no quadro sobre o campo, e na categoria “objetos” do quadro da cidade há cinco desenhos que aparecem a fonte d’água. Ora, nos filmes do Chico Bento os animais são muito presentes no campo, enquanto no shopping há uma grande fonte d’água.

Através dessas identificações, pode-se afirmar que as representações sociais são muito mais estereotipadas nas crianças mais velhas, pois quando se observam as representações dos discentes mais novos, percebe-se que há um número maior de elementos tanto para cidade como para o campo. Já para os alunos do oitavo ano as representações têm menos elementos, mas com uma maior homogeneidade e significados. As imagens, geradas por esses últimos alunos, ganham cada vez mais o caráter de ícone, na medida em que possuem um significante com uma relação analógica com o que representa (JOLY, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a representação social é compreendida como o sentido pessoal que o indivíduo elabora sobre sua realidade e que também se constrói com base na cultura e em suas determinações econômicas, históricas e sociais, acredita-se que a melhor maneira de capturá-la é por meio da análise do processo de produção de idéias na sociedade, mas também da forma pela qual essas idéias são apropriadas pelo indivíduo. Por meio da análise de conteúdo de desenhos em alunos do quarto e oitavo anos de uma escola agrícola, tentou-se entender o discurso prático, o qual as coisas têm sua significação, de campo e cidade.

Conclui-se, com base nas divergências de elementos frequentes entre as duas turmas, que os alunos mais velhos apresentam uma representação social mais clara e homogênea de campo e cidade, enquanto para os alunos mais novos apresentam mais variações. No entanto, esses últimos enxergam mais o campo como seu lugar de morada, isso pode ser comprovado pela maior frequência de elementos como homem e casa no campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2009.
- DURKHEIM, Émile. Representações individuais e representações coletivas. In: *Sociologia e filosofia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1970.
- JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papirus, 2003.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991. [1968].
- MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- SALLES, Leila Maria Ferreira. *Adolescência, escola e cotidiano: contradições entre o genérico e o particular* Piracicaba: Unimep, 1998.
- SOBARZO, Oscar. O urbano e o rural em Henri Lefebvre. In: SPOSITO, M.E.B; WHITACKER, A. M. (Orgs.). *Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural*. São Paulo: Expressão Popular, p.53 – 64. 2006.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade*. Na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.